



ASSOCIAÇÃO DE ASSISTÊNCIA
S. VICENTE DE PAULO
BRAGA

O VICENTE

Rua Campo das Parretas, nº26, 4700-418 Braga

Tel: 253 609 350 | Telem.: 935 534 759

E-mail: geral@aasvp.pt

www.aasvp.pt

2ª Série / Nº7 / Edição Trimestral / Março 2017 - Diretora: Lillian Reis

Editorial

Melhoramentos no Nosso Lar

Tanto tempo passámos a pensar que tínhamos de fechar o terraço, pois o nosso salão tornara-se pequeno demais! Um dos problemas fundamentais era que faltava o principal, antes de podermos concretizar esse desejo: Dinheiro! Já sabemos que dinheiro não é o principal na vida – o principal, como damos conta, é a Saúde e o Amor em todas as suas facetas. Mas, sem dinheiro, não podemos conseguir o necessário da vida – o alimento, os cuidados que temos de ter connosco e com os outros.

Mas com a boa vontade de beneméritos – a Fundação J.B. Fernandes e outros donativos de várias procedências – conseguimos! Temos um novo salão cheio de luz e podemos ver o verde das árvores e o movimento na rua. Que bom! Falando com dois ou três utentes que me apareceram há uns dias, tivemos a prova de que a obra foi bem decidida, bem construída e perfeitamente integrada no estilo do edifício de base. Muitos Parabéns para nós todos!



A Conferência Episcopal Portuguesa (CEP), reunida em assembleia plenária em Fátima, em 10 de novembro de 2016, publicou uma nota pastoral sobre os 400 anos do carisma de São Vicente de Paulo e os três séculos da presença vicentina em Portugal.

No documento, os bispos portugueses enaltecem a figura de São Vicente de Paulo (1581 – 1660) e as causas que ele abraçou, sobretudo “a favor dos pobres, da reforma do clero e da caridade”, expressas hoje em inúmeros projetos sociais.

Os Bispos portugueses exortam todos quantos são hoje “herdeiros do carisma de S. Vicente de Paulo, em Portugal, a continuarem a sentir-se comprometidos com as situações que degradam a dignidade do homem”.

O carisma de S. Vicente de Paulo chegou a Portugal no início do século XVIII, mais concretamente em 1717 com o aval do Papa Clemente XI e o impulso do padre José Gomes da Costa, que tinha entrado para a Congregação da Missão em Roma.

Vicente de Paulo foi canonizado a 16 de junho de 1737, pelo Papa Clemente, tendo sido em 1885 declarado pelo Vaticano patrono de todas as obras de caridade da Igreja Católica.

Não esquecer...

Caros Associados, estando já no terceiro mês do Ano de 2017 e aproximando-se o momento da entrega das declarações de IRS, apelamos à vossa compreensão e generosidade em prol da causa que nos move, **saldando as quotas em falta e contribuindo com a consignação de 0.5% do Imposto Liquidado** a favor da AASVP (NIPC 502768177).

 MINISTÉRIO DAS FINANÇAS DIRECÇÃO-GERAL DOS IMPÓSTOS DECLARAÇÃO DE RENDIMENTOS - IRS MODELO 3 Anexo H	BENEFÍCIOS FISCAIS E DEDUÇÕES	2 ANO DOS RENDIMENTOS 01 2	RESERVADO À LEITURA ÓPTICA
9 CONSIGNAÇÃO DE 0,5% DO IMPOSTO LIQUIDADO (LEI N.º 16 / 2001 DE 22 DE JUNHO)			
ENTIDADES BENEFICIÁRIAS DO IRS CONSIGNADO			NIPC
Instituições Religiosas (art. 32.º n.º 4)			<input type="checkbox"/>
Instituições Particulares de Solidariedade Social ou Pessoas Colectivas de Utilidade Pública (art. 32.º n.º 6)			<input checked="" type="checkbox"/>

À conversa com...

DONA ALICE

I

“Escrava de mim mesma”

VICENTE – Querida Dona Alice, o meu gosto é falar com as pessoas! Disse “falar”, *dia-logar*, conversar, e não tagarelar. Em encontros e diálogos passados, falei gostosamente com uma *estrela* da nossa casa, a quem tratava por “Fada do Lar”. Com pena e grande saudade, vimos essa *estrela* ocultar-se a nossos olhos corporais. Mas, como *conversada* é que a vida é bela, quero continuar a *conversar*. Sabendo que a querida Dona Alice é a “decana” do nosso Lar, hoje quis bater à porta da sua memória e do seu coração para sondar os conhecimentos que tem da história do nosso Lar e os segredos do coração. Deixando para outro encontro a revelação das memórias e dos segredos que guarda como testemunha mais antiga da vida da nossa Associação, gostaria hoje de a ouvir sobre a sua “história de vida”.

DONA ALICE – Obrigado, bondoso Vicente, pela tua visita, pela tua proximidade e pela tua vontade e disponibilidade para te sentares a meu lado e queres ouvir o que esta “*pobre de Cristo*” pode dizer.

VICENTE – Que belo título se dá a si mesma, Dona Alice! “*Pobre de Cristo*”! Sob esse título cabem todos os prediletos do Deus do Antigo e do Novo Testamento. Se ao Povo da Nova Aliança, do Novo Testamento, corresponde bem a expressão “*Pobres de Cristo*”, ao Povo da Antiga Aliança, do Antigo Testamento, ajusta-se perfeitamente a expressão “*Pobres de Javé*”. Recorda-nos, por exemplo, a passagem do Livro do Deuterónimo (Dt 10, 18) que diz: “*Ele [Javé] faz justiça ao órfão e à viúva, ama o imigrante e dá-lhe pão e vestuário*”. Sob este título cabem todos os desprovidos de bens materiais, todos os que são provados pelo sofrimento e pela injustiça, devido à sua condição de dependência e que na Bíblia são conhecidos pela palavra **Anawin**, que significa precisamente “os pobres de Javé”. Desculpe, Dona Alice, este aparte. Continue, por favor, o que iniciou.



DONA ALICE – Antes de continuar, permite que comente o teu aparte, para te dizer que, se Aquele de que falas “faz justiça e ama o imigrante”, também eu quero fazer parte desse grupo, pois também eu me sinto “imigrante” e carente de “justiça”. Correspondendo ao que me pedes, dir-te-ei que, assim de repente, num lampejo, vejo que fui “*escrava de mim própria*” toda a vida, não por minha espontânea vontade, mas por força das circunstâncias que marcaram a minha vida. Não me foi possível ser criança, não me foi permitido ser menina. A minha mãe sabia disto e, por isso, me disse que eu nasci adulta! Nasci, em 15 de março de 1933, na freguesia de Santa Eugénia, concelho de Alijó, distrito de Vila Real. Sou, pois, natural de Trás os Montes. Fui a terceira de quinze irmãos, dos quais sobreviveram sete. Por força da doença de minha mãe, tive de ser eu a tomar conta da casa, de meu pai e de meus irmãos. Desempenhei tão bem esse papel, cuidando da comida, da roupa, da limpeza e governo da casa, que meu pai dizia, com orgulho, que eu conseguia desempenhar perfeitamente todas as tarefas domésticas da minha mãe doente. Tendo sido afetada pela epidemia do tifo, fiquei muito fragilizada. Apesar disso, consegui, em circunstâncias adversas, fazer a 4ª Classe. Vendo a minha fragilidade, uma das professoras levava-me para casa dela e ensinava-me. Como me caiu o cabelo, devido à doença, os colegas chamavam-me “Alice pelada”!

VICENTE – Sei bem, Dona Alice, como era o modo de vida das crianças, no século XX português, sobretudo nos primeiros três quartéis desse século. As paupérrimas condições de vida, sobretudo nos meios rurais, faziam com que não poucos deixassem as suas terras e procurassem melhor sorte em outras paragens, o que também parece ter acontecido com a Dona Alice.

DONA ALICE – É verdade! Aos dezoito anos, deixei a minha terra transmontana e rumei para Lisboa, onde já se encontrava a minha irmã Mercedes. Comecei por ficar em casa dela, no pacato bairro de Camarate, cuidando da sua pequenina filha e minha sobrinha, Palmira. Tendo a minha irmã ficado viúva e emigrado para Angola, passei a viver em casa de uma pessoa amiga e a trabalhar na Cantina da Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Tendo conhecido o meu marido, agente da GNR no Quartel do Carmo, e casado, em 26 de outubro de 1968, fomos para Cascais, viver e trabalhar em casa do

Tenente-Coronel António Luís de Marques Figueiredo (1931-2009), o qual, por falecimento prematuro do pai, em 1959, se viu obrigado a abandonar a carreira militar de piloto aviador, para assumir a gerência do Grupo empresarial familiar (Navaltagus, Navex, Tráfego e Estiva), criado pelo pai em 1936. Foi como governanta da casa deste militar e empresário que eu trabalhei, de 1968 a 1987, primeiro na vivenda alugada de Cascais e, depois, em solar próprio do Tenente-Coronel, na Rua do Calhariz, n.º 5, no Monte Estoril.

VICENTE – Pelo que julgo saber, este militar e empresário teve, como muitos outros, sérios problemas políticos por causa da sua ligação às forças contra revolucionárias do 25 de abril, nomeadamente ao efémero “Partido Liberal”, implicado no movimento contra revolucionário do “28 de setembro”. Pelo facto de a Dona Alice ser governanta da casa de um dos ativistas deste movimento, presumo que tenham sobrado para si alguns dissabores.

DONA ALICE – Nem me fales, amigo Vicente! Ao trabalho e cansaço do governo da casa, veio juntar-se a inesperada e penosa situação da invasão e buscas que os militares do COPCON (Comando Operacional do Continente) fizeram na casa e instalações do Tenente-Coronel, o qual, por força da perseguição de que foi alvo, se viu obrigada a deixar a vivenda e refugiar-se, com a família, em setembro de 1974, primeiro em Espanha e, em seguida, no Brasil, para onde mandou ir a mobília, a biblioteca e as loiças da casa e de onde só regressou, em 1986, no tempo da Presidência de Mário Soares. Recordo-me que, na noite de 25 de abril, o Tenente-Coronel telefonou-nos, a mim e ao meu marido, que era 1º sargento da GNR no Quartel do Carmo, pondo-nos ao corrente do que se passava naquela noite e pedindo-nos que não abandonássemos a casa, tendo já a família sido posta a salvo. Os militares do COPCON, nas buscas que fizeram à casa, interrogaram-nos, de metralhadora em riste, sobre o que sabíamos das atividades do Tenente-Coronel. Quando intimaram o meu marido para que os acompanhasse e este lhes disse que era GNR e que devia ir para o Quartel do Carmo, onde deveria estar de prevenção, disseram-lhe: “Então você vive em casa de um fascista!” O meu marido respondeu: “Não sei se é fascista ou não;

o que sei é que é um homem honesto, trabalhador e muito correto comigo e com a minha mulher”. A mim, intimaram-me que prendesse o cão, com medo que lhe fosse às canelas. Apesar de eu os tranquilizar que o cão não lhes fazia mal, obrigaram-me a prendê-lo sob pena, disseram, de lhe “estoirar os miolos”!

VICENTE – Como compreendo, Dona Alice, o drama que se abateu, nesses dias de abril de 74, sobre tantas famílias e seus colaboradores! As Revoluções têm estes custos! Recordo-me de ouvir a um dos nossos politólogos, num dos aniversários do 25 de abril, este sábio comentário: “*As reformas adiadas tornam as revoluções inevitáveis*”! Também eu, como cidadão do mundo, vivia por essa altura, por Lisboa e pela Linha de Cascais, tendo assistido ao processo de mudança que a Revolução operou em muitas famílias de Cascais e da Costa do Estoril, que tiveram que despedir os seus criados e deixar de ir passar os seus fins de semana a Londres!

DONA ALICE – Foi o que sucedeu com a família que eu servia. Teve que despedir o motorista dos meninos, que os levava ao Colégio da Avé Maria, em Lisboa; teve que despedir o motorista da senhora; teve que despedir a costureira, a menina dos quartos e a menina da cozinha. Durante os anos que a família esteve no Brasil (1974-1986), fiquei a cuidar da casa, que, à noite, era vigiada por dois seguranças. Com piscina, churrasqueira, jardim, a manutenção da casa era muito trabalhosa. Em 1987, no ano seguinte ao regresso do Brasil, os proprietários deixaram a casa. Cansada, também eu, ao fim de 15 anos, tive que deixar aquele trabalho. Nesse ano de 1987, o meu marido concorreu para uma casa do Quartel do Carmo, onde passámos a residir e onde o meu marido passou a chefiar a Tipografia, durante quatro anos, até 1991, em que passou à reserva e decidimos ir viver para a terra dele, em Paradela, freguesia de Valdozende (Terras de Bouro). Recomeçando a vida, construímos aí a casa, onde passei, de 1981 a 1995, mais uma dolorosa estação da minha espinhosa vida! (1981-1995).

VICENTE – Pelo que oiço e pelo que julgo saber, Dona Alice, o paraíso que buscava, esgotada do cansaço da vida de governanta naquela mansão do Monte Estoril e das provações da Revolução de 25 de Abril, que indiretamente também a



afetaram, esse paraíso não o encontrou na nova morada, em Paradela, Terras de Bouro.

DONA ALICE – Nem me fales, bom Vicente! A vida que levei naquela casa de Paradela, o desgraçado ambiente familiar que nela vivi e o sofrimento que nela experimentei, não o desejo ao maior inimigo que pudesse ter! A depressão que sofri e de que a custo tentei curar-me, deixou marcas indeléveis na minha vida, até aos dias de hoje. As lides da casa, o tratamento das aves e dos animais, o cuidado da limpeza dos galinheiros, coelheiras, gaiolas e, sobretudo, o conflito familiar permanente, precipitaram-me numa profunda depressão, empurrando-me para o limite da vontade de viver. Esgotada e desesperada, disse ao meu marido: “Não aguento mais. Vou sair de casa”. E assim foi. Deixei Terras de Bouro e vim para Braga, para a casa de uma cunhada, irmã do Fernando, que vivia na Rua Abade Loureira, onde já me hospedava nas minhas vindas a Braga, para me tratar da depressão com o Dr. Bessa Peixoto.

A minha sobrinha Cidália, é que acabou por me abrir o caminho desta estação da minha vida! Não me sentindo bem como o incómodo que pensava estar a causar no ambiente familiar da minha sobrinha e tendo manifestado a vontade de encontrar outro abrigo, ela disse-me que conhecia gente no Patronato de Nossa Senhora da Torre, nomeadamente a empregada do Centro de Dia, Dona Rosalina. Falou com ela e com o Sr. Guimarães de Sá, que imediatamente me abriu a porta. E, assim, comecei a frequentar o Centro de Dia do Patronato, durante quinze dias, sob o olhar atento do Sr. Guimarães de Sá e, sobretudo, sob o olhar de lince da senhora Dona Amélia, a qual, no fim da Festa de Natal daquele ano, no Patronato, logo me prometeu um quarto no edifício do novo Lar de S. Vicente de Paulo. E, assim, encontrei neste Lar, desde o primeiro dia da abertura das suas portas, no dia 7 de janeiro de 1995, um hospitaleiro quarto, que tem sido o meu novo mundo, ao longo destas mais de duas décadas. O Lar foi inaugurado oficialmente, como se sabe, no dia 14 de junho de 1995 (dia do aniversário natalício da Dona Amélia). Sou, pois, utente deste Lar, desde a primeira hora e do primeiro dia, desde o seu momento inaugural.

VICENTE – Caso singular, Dona Alice! Mas não deve ter sido fácil deixar a casa, a família, e começar uma nova experiência de vida. É dessa nova e dilatada experiência de 22 anos que já

leva como utente do nosso Lar que gostaria de a ouvir falar em próximo encontro. Até lá, desejo, e desejamos-lhe todos, melhor saúde e a mesma e admirável boa disposição e disponibilidade para, à semelhança do bom Cireneu e da corajosa e admirável Verónica do Evangelho, continuar a cuidar das mesas do refeitório e a emprestar as suas mãos àqueles que delas precisam para levar à boca a água e o pão de cada dia.

Alice, jardim e flores,
Também rosas e espinhos,
Com imperfeitos amores,
Pelas bermas dos caminhos.

Cansada de tanto andar
À chuva e ao rude vento,
Encontrou no nosso Lar
Merecida paz, novo alento.

O Navio da Boa Gente



O Presidente da Mesa da Assembleia Geral da nossa Associação – Lar de São Vicente de Paulo, José Carlos da Costa e Silva, ex-colaborador da Sociedade de S. Vicente de Paulo, com sede em Lisboa, e que periodicamente se desloca a

Braga, nomeadamente para presidir às nossas Assembleias Gerais, confiou-nos, para eventual inclusão no nosso Boletim, *O Vicente*, o texto de uma luminosa parábola, intitulada “O Navio da Boa Gente”, proposta que recebemos e acatamos com agrado e, sem dúvida, com proveito.

Eis, em síntese, o teor da parábola.

Um belo dia, um grupo de boas pessoas, decidiu criar uma Associação sem fins lucrativos, com os seguintes objetivos, entre outros: 1. cuidar dos mais frágeis da sociedade (pobres, doentes, idosos, abandonados); 2. cuidar da catequese de crianças e adultos; 3. cuidar da educação infantil e juvenil. Como sede da Associação e da prestação dos respetivos serviços, o grupo adquiriu um grande barco, capaz de resistir à violência do vento e das marés. Batizaram o barco com o nome de “Navio da Boa Gente”.

Destinaram uma secção para Capela, para a catequese e para o culto; destinaram outra para escola, para a educação e o ensino; destinaram outra a Lar de Idosos, com os necessários serviços de saúde; outra secção ainda para centro de recuperação de toxicodependentes e de alcoólicos. Os colaboradores da Associação eram todos voluntários e todos os serviços começaram a funcionar maravilhosamente. Um dia, o barco começou a meter água, sem que os utentes e os dirigentes se apercebessem. Foi então que um observador externo advertiu os titulares responsáveis pelos vários serviços para o enorme rombo sofrido pelo barco. Ninguém fez questão de verificar o sucedido e providenciar solução para o problema. Os auxiliares da ação social disseram que não eram calafates; os educadores advogaram que a sua função era educar e ensinar e não tapar buracos; os catequistas não ligaram, argumentando que estavam a preparar a festa do Natal. Enfim, dirigentes e colaboradores continuaram a trabalhar como se nada fosse. Até ao dia em que o barco pouco a pouco foi submergindo e de todo se afundou.



A parábola carece de explicação e interpretação.

O “Navio da Boa Gente” é o Mundo. O “rombo” do barco é o descuido e a

corrupção das instituições. As secções existentes e os serviços prestados no “Navio” são as estruturas e os ministérios da ação social e pastoral (sacerdotes, professores, educadores, dirigentes e colaboradores das instituições sociais). O trabalho de calafetagem é a função dos agentes da Justiça, da defesa dos Direitos Humanos, dos Governantes, dos peritos em Humanidade. O observador ou o visitante que adverte para o perigo do “Navio” são os “profetas” que procuram despertar as consciências, da Igreja e do Mundo, para as urgências da hora presente.

Alerta à navegação.



Aniversários

A Direção deseja um feliz aniversário, com saúde, paz e alegria a todos os associados, colaboradores e residentes do Lar de S. Vicente de Paulo que já tenham feito anos ou que façam anos nos próximos meses.

Vigiai e cuidai para que.... a vida, toda a vida, valha a pena....

António Guterres Secretário-Geral Da ONU “O melhor de todos nós”.



António Guterres, o português que o Presidente da República, Professor Marcelo Rebelo de Sousa, qualificou como “o melhor de todos nós”, como o melhor dos portugueses, viu, e nós com ele,

reconhecido o seu talento, o seu mérito de obreiro dos mais sublimes e imperiosos ideais da humanidade: a dignidade, a liberdade, a solidariedade humana, a Justiça e a Paz.

O exemplo da sua vida e das causas a que se dedicou merece ser memorizado e inscrito nas páginas da história das Instituições políticas e sociais e na alma dos seus dirigentes e colaboradores.

O cidadão exemplar e ex-Primeiro Ministro português, depois de ter chefiado superiormente o Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), entre junho de 2005 e dezembro de 2015, (uma organização com cerca de 10.000 funcionários, em 125 países), foi escolhido, no dia 5 de outubro de 2016, pelo Conselho de Segurança da ONU, como Secretário-Geral das Nações Unidas. Num total de 15 votos, recebeu 13 favoráveis e sem veto algum.

Fazemos votos que a sua missão seja bem sucedida nas três frentes em que declarou querer travar o seu combate como líder máximo da Comunidade das Nações de todo o Planeta: a causa do Desenvolvimento equilibrado, a causa da (re)organização Interna da ONU, a causa da Paz.

Atividades de Animação

Aniversário da AASVP



No dia 14 de Junho de 2016 festejámos o nosso 27º aniversário!

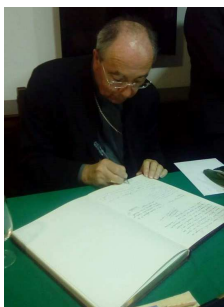
Foi também o dia do aniversário natalício da esposa do nosso fundador, Senhora D. Amélia d'Oliveira e Sá, a fada do nosso Lar, recentemente falecida!

Após a celebração da Missa pelas almas de todos os utentes e associados

falecidos, seguiu-se um pequeno lanche e animação musical, pelo Grupo Sénior de Cavaquinhos da Associação Dr. Egas Moniz e teatral, pela Associação Mala d'Arte!

Parabéns, AASVP por mais um aniversário, sempre cumprindo a missão de "cuidar dos mais frágeis"!

Visita Pastoral do Arcebispo Primaz de Braga - Dom Jorge Ortiga



Dia 17 de Junho de 2016, a AASVP recebeu a visita de Dom Jorge Ortiga, Arcebispo Primaz de Braga, no âmbito da Visita Pastoral à freguesia da Sé de Braga, tendo sido acompanhado pelo Cónego Manuel Joaquim Silva, Pároco da Sé.

Foi uma visita de júbilo e de afeto, na qual Dom Jorge, que foi recebido pelos Órgãos Sociais da AASVP, pelos seus residentes e pelos colaboradores, participou num Porto de Honra e teve a oportunidade de ver as obras em curso, de expansão do Salão de Convívio dos idosos.

Foram também trocadas palavras de apreço pelo trabalho voluntário dos dirigentes da AASVP ao serviço dos mais frágeis, de ânimo aos residentes, fragilizados pela idade e pela doença, e ainda de estímulo aos colaboradores efetivos da instituição.

Dom Jorge levou consigo flores e algumas lembranças, bem como alguns exemplares do nosso Jornal, "O Vicente" e ainda o livro de poemas de uma ex-residente, "Já não Cabemos Lá em Casa", de Mathilde Acciaiuoli!

A Visita das Velhinhas



Uma velhinha com problemas de memória ia receber a visita das suas amigas, que também não tinham uma boa memória. As

amigas chegam e a velhinha pergunta:

- Querem uma chávena de café?

Dois minutos depois ela pergunta:

- Querem uma chávena de café?

Um minuto depois ela pergunta:

- Querem uma chávena de café?

E assim continua até que as amigas se vão embora e comentam à saída:

- Que mal-educada. Ela nem ofereceu um café!

O filho da velhinha volta para a casa e pergunta à mãe:

- Mãe, como foi a visita das suas amigas?

E a velhinha responde:

- Filho, acreditas que elas nem vieram?

Véspera de S. João



Depois do lauto e tradicional almoço de caldo verde (com ela) e de sardinha fresquinha da Apúlia, assada na brasa, com pimentos e arroz de tomate a fugir pelo prato fora, seguiram-se muitos jogos tradicionais e de

mesa. Foi uma tarde de convívio delicioso que terminou com belas delícias feitas pelos próprios idosos para o lanche.

Passeio ao S. Bento da Porta Aberta



No dia 14 de Julho de 2016, os nossos residentes autónomos, à semelhança do que fazem todos os anos, lá foram pedir os milagres de que precisam.

Apesar do calor, é sempre um dia de muita alegria (e de comer gelados)!

Festa de Natal



Foi no passado dia 23 de dezembro que familiares e utentes festejaram o Natal na nossa Associação. O momento foi recheado de emoções!

Iniciou-se com a habitual celebração eucarística que contou com a presença do Sr. Padre Domingos Oliveira. Não faltaram os doces da época e presentes para todos os idosos. As fotografias assim o comprovam

com os sorrisos de felicidade dos nossos utentes.

Cantar dos Reis e das Janeiras



A AASVP recebeu no dia 7 de Janeiro do corrente ano o Grupo da Associação Recreativa e Desportiva de Ferreiros. Assistiram à belíssima atuação os utentes e seus familiares, os membros da Direção e colaboradores.

Aniversário Quinta Pedagógica

A AASVP foi convidada para o Aniversário da Quinta Pedagógica, e alguns idosos juntamente com a Animadora, acederam ao convite.

Estava um agradável dia de sol que permitiu ao grupo um passeio pela quinta onde puderam observar os animais, apesar do frio, estavam recheadinhos de calor humano junto de tantas crianças. No final desfrutaram do delicioso bolo de aniversário. Obrigados à Quinta Pedagógica pelo convite.



Carnaval



O convite para a participação no 15º Festival das Papas de Sarrabulhos em Amares foi aceite pela AASVP. Os nossos utentes, apesar do dia chuvoso, participaram muito contentes no festival.

Ao sabor das papas tradicionais da região e da música carnavalesca, mostraram as mascaras que elaboraram com tanto gosto!

Trabalhos Manuais



A AASVP pretende ser uma resposta social e cultural, que visa criar, dinamizar e organizar regularmente atividades culturais, de educação não formal, recreativas e de convívio. A Animação Sociocultural é uma espécie de vitamina que, além de querer compreender as ínfimas particularidades da comunidade dos utentes, pretende vitalizar o espaço e as relações. Com as artes decorativas pretende-se dar vida e cor ao espaço, desenvolvendo e promovendo as competências motoras e cognitivas dos utentes. Assim sendo, preparam-se algumas surpresas que muito vão envaidecer os utentes ao verem os seus trabalhos ao alcance visual de todos!

Não esquecer...

Visitem-nos no Facebook e façam "like" em www.facebook.com/lar.svp.braga.

Já temos 597 gostos mas precisamos de mais amigos: precisamos de vós!

Visitem também o site da AASVP: <http://www.aasvp.pt>